

Responsabilidade pelas escolhas

O trânsito é um espaço de convívio social, onde as escolhas individuais repercutem no coletivo.

As mortes e lesões provocadas no trânsito não são um fenômeno natural, tampouco obra do destino, assim como, os sinistros de trânsito não deveriam ser caracterizados como acidentes, pois poucos eventos de trânsito têm caráter "acidental", no real sentido do termo. Pelo contrário, quase a totalidade apresenta-se potencialmente evitável, porque é previsível.

No trânsito, por mais que as escolhas sejam aparentemente tomadas na esfera individual, as consequências não costumam ficar circunscritas a seu verdadeiro responsável, fazendo-se sentir para muito além. Na maioria das vezes, seus efeitos se estendem não só a autores e vítimas diretas, mas suas famílias, amigos, aqueles com quem têm relações afetivas, de trabalho, estudo e lazer. Ainda, há consequências para a sociedade como um todo, pois no caso do trânsito, há fatores sociais e econômicos envolvidos.

Aquele que burla a regra não está arriscando apenas a própria vida, mas a de outras pessoas que podem acabar sendo envolvidas direta ou indiretamente. Mesmo em decisões corriqueiras, tais como usar ou não cinto de segurança no banco de trás, fazer ou não um percurso maior para poder realizar a travessia na faixa de pedestre, parar diante de via preferencial, os nossos atos geram consequências que podem afetar tanto a nós quanto a outras pessoas.

Nesse sentido, não basta que o sujeito se justifique, pois a justificativa não altera o fato de que seu comportamento coloca a si e a outros em risco. Como educadores precisamos entender os mecanismos psicológicos envolvidos nesses comportamentos, como por exemplo, a compreensão de que algumas pessoas podem encontrar justificativas para transgredir regras sem se sentirem culpadas ou censuradas por isso. Para tanto, utilizam mecanismos psicológicos para transformar práticas transgressivas em algo que possa ser reinterpretado como socialmente aceitável ou até mesmo positivo. Como é praticamente impossível negar para si mesmo o cometimento de um ato já realizado, torna-se mais fácil mudar o pensamento sobre esse ato, de modo a distorcê-lo e torná-lo menos negativo. Assim, as pessoas distorcem como interpretam a realidade para se sentirem melhores consigo mesmas.



No trânsito, por exemplo, um cidadão que não considera correto “passar os outros pra trás”, em um congestionamento ultrapassa vários veículos pelo acostamento sem censurar-se, ato que não realizaria em outra situação, tal como em uma fila de supermercado.

Nessa perspectiva, o educador, ao realizar suas ações, deve oportunizar que as pessoas percebam e se engajem em justificativas e razões que propiciam a elas agirem de forma adequada e segura. Promover a sensibilização sobre a crença de que o comportamento de cada um é determinante para a mudança da cultura no trânsito e para a prevenção dos ditos acidentes, em oposição à ideia de que os resultados de seus atos não dependem de si, mas de fatores externos, tais como destino, vontade de Deus, pode contribuir para que a pessoa se empenhe em assumir um comportamento preventivo e seguro no trânsito.

Não se pode perder de vista a exata medida quanto à repercussão de quaisquer de nossos atos, porque a vida em sociedade extrapola o âmbito individual, deixando a todos no compromisso de dedicar o devido cuidado no momento de fazer uma escolha. Por nós e pelos outros.

